



**The Francis-Louden Mystical Orientation Scale (MOS):
Pressupostos Teóricos, Características Psicométricas e Pesquisa
Empírica de Instrumento de Mensuração de Misticismo**

**The Francis-Louden Mystical Orientation Scale (MOS):
Theoretical Assumptions, Psychometric Characteristics and
Empirical Research of an Instrument for Measuring Mysticism**

Alexsandro Medeiros do Nascimento¹

Antonio Roazzi²

Umbelina do Rego Leite³

Maria Eduarda Souza Belmino Lins⁴

Andrey Lucas Rodrigues da Silva⁵

Wolgley Fabian Moura Lira Maia⁶

Isacar dos Santos Rodrigues⁷

Diogo Alves da Motta e Silva⁸

Antonio Carlos dos Santos⁹

¹ Doutor, Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Coordenador do Laboratório de Estudos de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS).

E-mail: alexsandro.mnascimento@ufpe.br

<http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

² Ph.D., Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) E-mail: roazzi@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

³ Doutora, Docente do Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) E-mail: umbelina.leite@ufpe.br <https://orcid.org/0000-0003-3223-7013>

⁴ Especialista em Psicologia – Centro Universitário Frassinetti do Recife (UniFAFIRE) E-mail: psieduardalins@gmail.com <https://orcid.org/0009-0005-6833-0182>

⁵ Discente do Curso de Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) E-mail: andreyrsilva@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-2940-5242>

⁶ Discente do Curso de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) E-mail: wolgleymoura@gmail.com <https://orcid.org/0009-0006-4854-6725>

⁷ Psicólogo clínico. E-mail: isacar.psi.rodriques@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-5653-0372>

⁸ Discente do Curso de Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) E-mail: diogo.alvesmotta@ufpe.br <https://orcid.org/0009-0006-2011-3987>

⁹ Psicólogo clínico. E-mail: tonytakev@gmail.com <https://orcid.org/0009-0009-7126-7195>



Resumo: O presente estudo investiga a Escala de Orientação Mística (Mystical Orientation Scale - MOS), um instrumento psicométrico desenvolvido por Leslie J. Francis e Stephen Loudon para mensurar experiências místicas. Fundamentada em teorias clássicas do misticismo de autores como William James e Frederick Crossfield Happold, a MOS operacionaliza experiências místicas em construtos mensuráveis, oferecendo uma estrutura confiável para estudos empíricos na psicologia da religião. O artigo explora os fundamentos teóricos, a estrutura fatorial e as propriedades psicométricas da MOS, destacando sua validade e consistência em diferentes contextos culturais. Apesar de sua ampla aplicação em países europeus e de língua inglesa, o estudo aponta a ausência de adaptações para populações latino-americanas, ressaltando a necessidade de pesquisas futuras que ampliem sua aplicabilidade transcultural. A MOS é apresentada como um instrumento versátil para explorar a relação entre o misticismo e variáveis como saúde mental, bem-estar e religiosidade. Ao discutir as potencialidades de adaptação da escala, o presente trabalho contribui para o avanço da compreensão científica das experiências místicas na psicologia contemporânea, e lança em bases críticas chamado para criação de versão deste importante instrumento em língua portuguesa do Brasil.

Palavras-chave: Mystical Orientation Scale (MOS), Misticismo, Psicologia da Religião, Instrumento psicométrico, Psicometria.

Abstract: The present study investigates the Mystical Orientation Scale (MOS), a psychometric instrument developed by Leslie J. Francis and Stephen Loudon to measure mystical experiences. Grounded in classical theories of mysticism by authors such as William James and Frederick Crossfield Happold, MOS operationalizes mystical experiences into measurable constructs, providing a reliable framework for empirical studies in the psychology of religion. The article explores MOS's theoretical foundations, factorial structure, and psychometric properties, highlighting its validity and consistency in different cultural contexts. Despite its wide application in European and English-speaking countries, the study points to the absence of adaptations for Latin American populations, underscoring the need for future research that expands its cross-cultural applicability. MOS is a versatile instrument for exploring the relationship between mysticism and variables such as mental health, well-being, and religiosity. The present work advances the scientific understanding of mystical experiences in contemporary psychology by discussing the potential for scale adaptation. It launches a critical call for creating a version of this vital instrument in Brazilian Portuguese.

Keywords: Mystical Orientation Scale (MOS), Mysticism, Psychology of Religion, Psychometric instrument, Psychometrics.



O presente trabalho teve como objetivo apresentar aos leitores em língua portuguesa do Brasil e discutir a operacionalização e mensuração da experiência mística através do instrumento psicométrico *Mystical Orientation Scale* (MOS), desenvolvida pelos psicólogos Leslie J. Francis e Stephen Louden (Francis & Louden, 2000a). Dessa maneira, buscou explorar sua base teórica, seus fundamentos psicométricos e sua prática atual em pesquisa empírica na ciência psicológica. A MOS é amplamente utilizada para investigar como indivíduos vivenciam e relatam suas experiências místicas, permitindo que pesquisadores explorem a relação entre misticismo e outras variáveis psicológicas, como bem-estar, crenças religiosas e desenvolvimento espiritual (ver Hood Jr. & Francis, 2013).

Assim sendo, o artigo perpassa os estudos do misticismo em psicologia da religião, apresentando autores fundamentais como Williams James (1902/1982), responsável pela teorização dos quatro aspectos que caracterizam a fenomenologia da experiência mística; Hood (1995; 1997), precursor do desdobramento da teoria em instrumentos psicométricos de investigação da experiência mística, e de Stace (1960), que, por sua vez, preocupa-se com a mirada fenomenológica da experiência, teoria a qual o próprio Hood se baseia para construir a sua compreensão teórica do fenômeno.

Essas ideias estabeleceram as primeiras bases para a compreensão psicológica do misticismo, formada por dimensões que descreveram o quanto as experiências místicas são difíceis de expressar em palavras por trazerem *insights* profundos sobre a natureza do Homem (James, 1902/1982) e da Realidade (Stace, 1960), sendo passageiras e subjetivas, mas, detentoras de um grande impacto na vida dos indivíduos (Barros & Schultz, 2023). Dessa forma, Leslie J. Francis e Stephen Louden contribuem com o objetivo de realizar uma síntese das teorias vigentes no campo da psicologia do misticismo, até ao momento presente, em um instrumento que consiga mensurar com rigor essas experiências individuais.

Crítica já não tão recente localiza a existência de literaturas discretas no estudo do misticismo oriundas de tradições metodológicas e teóricas distintas, e que permanecem largamente ignorantes umas das outras, sendo essa uma das maiores dificuldades na geração de um consenso na área (Hood Jr, 2008). Se por um lado a integração desse corpus teórico reivindica uma abordagem contemporânea ao



misticismo em empreendimento transdisciplinar, com ênfase nos estudos mistos, que não descuidem do nível fenomenológico de observação, e que seja inclusiva aos achados da pesquisa contemporânea das bases cerebrais da experiência mística e dos correlatos cognitivos desta, contudo, ainda é premente o chamado a refinamento da mensuração em psicologia da religião (Emmons & Paloutzian, 2003), e na busca de instrumentos fidedignos e válidos para se operacionalizar na pesquisa empírica a ampla rede de construtos que constroem o campo psicológico da religião (Schmautz et al., 2024; Andersen, Holmøy, & Stewart, 2024), incluindo-se aí a temática da mística em seus diversos litorais: o estudo das dimensões de experiência mística, do êxtase místico, os parâmetros da consciência envolvidos na mediação da mente mística, e as dimensões fenomenológicas e fenomenais de que o Misticismo enquanto realidade psicológica é constituído (Trivedi, 2024; Skolits, 2024; Esmaeili, Pourmohammadi, & Sayyid-Mazhari, 2023; Nascimento, 2008).

Como grandes tendências dos estudos de misticismo atuais, vê-se uma corrida para o discernimento das bases cerebrais que mediam experiências de tipo místico quer em indivíduos da população geral ou daqueles oriundos de populações clínicas (Picard, 2023; Esmaeili, Pourmohammadi, & Sayyid-Mazhari, 2023), para confronto de abordagens concorrentes em neurociência cognitiva da religião, que inclui a abordagem da "atividade cerebral ineficiente" ("*inefficient brain activity*" approach) e a abordagem do "produto normal do sistema nervoso cerebral" ("*normal output of the brain nervous system*" approach). Reclama-se de certa estagnação teórica e predomínio de interesse nos estudos com marco na psicologia evolucionária como responsável pelo estreitamento de visão no campo, e a necessidade de levar a sério literatura oriunda das pesquisas empíricas em neurociência, psicologia e antropologia como casos paradigmáticos para deslocamento dessa fixação conceitual e assim, possibilitar a emergência de novos insights para a pesquisa dos fundamentos do misticismo e experiência religiosa (Skolits, 2024).

Uma terceira tendência que emerge no campo é o acento em interdisciplinaridade e pluralismo metodológico, triangulando-se dados da neurociência da experiência mística com construtos psicológicos mensurados por novos instrumentos, mais fidedignos e com melhor desempenho transseccional, em distintos domínios da pesquisa psicológica, de que são exemplos estudos de tradução



e adaptação transcultural de escalas como a Mystical Experience Questionnaire (MEQ-30) do inglês para o norueguês (Andersen, Holmøy, & Stewart, 2024), e proposição de instrumentos novos como o de mensuração de sentimentos oceânicos no contexto do modelo de emoções primárias postulado por Jaak Panksepp para uso em pesquisa em neurociência (Schmautz et al., 2024).

Este último esforço de pesquisa é um termômetro deste novo tempo de observação plurinível do misticismo, e de profundo diálogo entre tradições teóricas e metodológicas distintas, em que se ainda é reputado em alta estima o estudo fenomenológico da experiência mística como o estudo recente com universitários brasileiros com retomada do referencial jamesiano para captura das dimensões fenomenológicas essenciais do fenômeno em tela (Nascimento, Melo, Ferraz & Roazzi, 2023), todavia, vê-se uma retomada de conceitos antigos da área da psicologia da religião e misticismo como o de sentimento oceânico, o qual representa uma poderosa estrutura fenomenológica de sensações afetivas que envolvem comumente sentimentos de unidade, autodissolução e transcendência, em captura psicométrica (Schmautz et al., 2024), que confira precisão e possibilidades de intercomparação entre grupos de distintas tradições místicas e/ou mesmo entre orientações religiosas e não-religiosas, enriquecendo-se a base empírica contemporânea dos estudos de misticismo, o que é bastante desejável para o avanço da teorização (Trivedi, 2024; Skolits, 2024; Esmaeili, Pourmohammadi, & Sayyid-Mazhari, 2023).

Estudar misticismo é importante para a psicologia, por seu papel, como também se encontra para experiências religiosas e espirituais mais amplas, em promover profundas mudanças transformativas de indivíduos e comunidades, seus efeitos benéficos estão bem documentados na promoção de atitudes positivas como compaixão, empatia e altruísmo, e a modificação de crenças (Barros & Schultz, 2023). No entanto, o estudo científico rigoroso da experiência mística esbarra na atualidade na escassez de instrumentos psicometricamente válidos e fidedignos, há dois instrumentos que são os pilares dessa tradição de pesquisa (ver Hood Jr. & Francis, 2013), representados respectivamente pela Escala Hood de Misticismo (Hood Mysticism Scale; Hood, 1975), e a Escala de Orientação Mística (Francis-Louden Mystical Orientation Scale; Francis & Loudon, 2000a), foco da presente reflexão. Note-



se que a situação da pesquisa psicológica empírica do misticismo é preocupante no Brasil, embora tenha-se muitos instrumentos de religiosidade, há uma lacuna a ser preenchida para a mensuração de misticismo, há uma subescala de item único retirada da Escala de Religiosidade Global de Nascimento (2008), que mensura o construto, tornando premente a construção de instrumentos autóctones ou a criação de versões de instrumentos como os dois supracitados visando-se disponibilizar instrumento psicológico específico para o construto na pesquisa empírica de falantes de língua portuguesa do Brasil.

Portanto, este estudo teórico, entregue no gênero de ensaio de apresentação, visa investigar a validade e a confiabilidade da MOS, trabalhando com o levantamento de literatura dos principais estudos empíricos realizados com este instrumento de misticismo em diferentes contextos. Como também, observando as noções psicométricas que a definem como um instrumento apto para cumprir o que se propõe. E, por fim, concedendo abertura para novas adaptações, como por exemplo no Brasil, visto que, ainda não há estudos que a utilizem nesse contexto cultural.

ESTUDO PSICOLÓGICO DO MISTICISMO: DEFINIÇÃO E ASPECTOS HISTÓRICOS

William James (1902/1982) caracteriza o misticismo como a experiência religiosa por excelência, pois a considera uma experiência primária, da qual derivam formas de religiosidade menos elevadas. O autor afirma que as experiências místicas da consciência estão na base da vivência religiosa pessoal. Ralph W. Hood (1995; 1997) segue essa perspectiva, fundamentando-se no trabalho fenomenológico de Walter Stace (1960) acerca do misticismo, o qual expõe a fenomenologia da experiência mística, estipulando seus aspectos introvertidos, extrovertidos e interpretativos. Dessa maneira, Hood (1995; 1997) buscou integrar o modelo conceitual da experiência mística proposto por Stace (1960) com sua investigação empírica sobre o misticismo.

Para definir a experiência mística, James (1902/1982) a descreve com base em quatro principais fatores definidores. O primeiro é a inefabilidade, pois o estado místico perpassa o aspecto inefável, levando em consideração a dificuldade do ser humano em descrever ou explicar através de palavras o que seria a vivência da



experiência mística. O segundo fator definidor é o valor noético, que expressa como o estado místico se assemelha a um momento de conhecimento, *insights* e revelações nas quais, mesmo que não articuladas, produzem uma mobilização significativa na vida do indivíduo, como também pode desencadear um senso de autoridade neste que vivencia a experiência mística (Louceiro, 2007).

O terceiro fator definidor é a transitoriedade, uma vez que os estados místicos não duram por longos períodos. Quando esses estados se dissipam, geralmente são lembrados de maneira imprecisa pela memória. Estudos realizados pelos psicólogos Pierre Weil (1989) e Ken Wilber (1998) sobre a transitoriedade indicam que a experiência mística pode ser considerada uma "experiência de pico". Isso se deve ao fato de que o estado atinge seu auge durante o período em que ocorre, mas, ao terminar, não pode ser revivido ou reproduzido da mesma maneira. Ainda assim, parte da experiência mística permanece na memória de quem a vivencia, não se perdendo completamente (Louceiro, 2007).

O quarto, e último, fator definidor é a passividade, visto que a experiência mística possui como característica precisa a sensação de que apenas a vontade de vivenciá-la não é suficiente para que ocorra, pois é como se uma força superior estivesse no comando do indivíduo, seus desejos se encontram suspensos neste estado. É importante pontuar que o surgimento das experiências místicas pode ser facilitado por treinos de concentração, como a meditação, no entanto, isso não anula o caráter de passividade do estado místico (Louceiro, 2007).

Evelyn Underhill, uma das maiores críticas da perspectiva de William James, apresenta uma abordagem distinta sobre o misticismo em sua obra "*Mysticism: A Study in the Nature and Development of Spiritual Consciousness*" (1911). Underhill define o misticismo como "a arte de união com a realidade", enfatizando que não se trata apenas de experiências passivas e efêmeras, mas de um processo ativo e sistemático de transformação espiritual (Underhill, 1911, p. 4). A referida autora argumenta que o caminho místico envolve práticas como oração, disciplina moral e reflexão, culminando em uma profunda metamorfose pessoal e espiritual. Assim sendo, rejeita a ideia de que o misticismo seja uma experiência meramente passiva e transcendente, sendo melhor compreendido como um processo evolutivo em direção



ao divino, que não pode ser reduzido a momentos de êxtase por ser um processo de autotransformação que exige disciplina e perseverança.

O contraste entre as abordagens de James e Underhill não apenas ampliou a compreensão acerca do misticismo, mas também influenciou o modo como a psicologia moderna aborda e mede a experiência mística. Enquanto a perspectiva de James lança luz sobre o caráter transformador e único das experiências místicas, Underhill oferece uma visão prática que explora como as pessoas podem buscar e integrar essas experiências em suas vidas cotidianas.

A medição empírica do misticismo representa um esforço contínuo da psicologia para transformar experiências espirituais e subjetivas em construtos operacionais. Tal abordagem permite a aplicação de métodos científicos para entender as dimensões do misticismo e suas implicações para a vida dos indivíduos e para a sociedade como um todo (Paloutzian & Park, 2005). Para alcançar esse objetivo, os pesquisadores têm desenvolvido instrumentos psicométricos que procuram captar a essência dessas experiências e seus efeitos comportamentais e emocionais.

Um dos principais desafios na medição do misticismo está relacionado à natureza subjetiva e, frequentemente, inefável dessas experiências. De acordo com James (1902/1982), as experiências místicas são difíceis de serem descritas ou captadas por meios comuns, o que complica a tentativa de transformá-las em variáveis mensuráveis. Com o crescente interesse em estudar o misticismo de forma empírica, os pesquisadores se depararam com o desafio de operacionalizar e medir experiências místicas. Este movimento buscou transcender as descrições filosóficas e teológicas, avançando para uma análise científica e mensurável dos estados místicos.

O uso da abordagem psicométrica para estudar o fenômeno do misticismo mostrou-se altamente eficaz e relevante na avaliação das experiências místicas dentro da Psicologia da Religião. Um exemplo disso é a Escala de Misticismo desenvolvida por Hood, que se destaca como uma ferramenta bem-sucedida para medir o misticismo. Essa escala é baseada, em grande parte, nos conceitos apresentados por William James, mas também incorpora elementos da visão prática de Underhill, como a busca ativa pela transformação, e tem como propósito avaliar



experiências místicas fundamentais por meio de um questionário composto por 32 itens (Hood, Hill, & Spilka, 2018). Hood *et al.* (2001) identificam três dimensões avaliadas pela Escala de Misticismo. A primeira é o misticismo introvertido, marcado por características como transcendência de tempo e espaço, inefabilidade e uma experiência voltada para além do ego. A segunda é o misticismo extrovertido, definido por uma sensação de unidade e uma qualidade subjetiva. Por fim, há a dimensão interpretativa, que, segundo Stace (1960), pode ser dividida em valor noético, humor positivo e sacralidade.

Hood (2005) incorporou em seus estudos uma série de pesquisas quase experimentais voltadas para facilitar experiências místicas, alinhando essas investigações com seus trabalhos anteriores sobre o uso de enteógenos. Nessas pesquisas, as condições foram manipuladas com o propósito de intensificar as experiências místicas, avaliadas segundo os critérios para o misticismo definidos por Stace (1960). Outro pesquisador que explorou o tema foi Thalbourne (1999), que desenvolveu um método próprio para mensurar o misticismo. Suas abordagens convergem, em parte, com as de Hood (2005), especialmente na maneira de medir essas experiências (Thalbourne & Delin, 1999, p. 53). Thalbourne sugeriu que a experiência mística pode ser identificada por meio de um único fator que também se relaciona com outros fenômenos, como criatividade, crenças no paranormal e condições psicopatológicas, em especial o Transtorno Bipolar (Hood, 2005).

Davis *et al.* (2024) realizaram um estudo bibliométrico abrangente sobre a psicologia da religião e espiritualidade (R/S), analisando artigos publicados em três periódicos importantes no campo: *Archive for the Psychology of Religion* (APR), *International Journal for the Psychology of Religion* (IJPR) e *Psychology of Religion and Spirituality* (PRS), entre 1962 e 2022. O estudo buscou identificar as principais características dos artigos, contagem de citações e a utilização de práticas de ciência aberta. Os resultados mostraram que 63% dos artigos eram empíricos, com a maioria usando métodos analíticos quantitativos. A análise revelou que os estudos de R/S são, em média, mais robustos em termos de poder estatístico em comparação com outras áreas da psicologia, como a psicologia social, clínica e do esporte.

Além disso, o estudo destacou um aumento recente no uso de práticas de ciência aberta, como pré-registro, dados abertos e materiais abertos, embora a



publicação em acesso aberto ainda não seja amplamente adotada. Davis *et al.* (2024) enfatizaram a necessidade de maior diversidade geográfica, cultural e metodológica no campo da psicologia de R/S, apontando que essas áreas estão bem posicionadas para fazer contribuições significativas tanto científicas quanto sociais. Esses achados sublinham a importância contínua da medição empírica e metodologicamente rigorosa das experiências religiosas e espirituais, bem como a necessidade de práticas de pesquisa mais abertas e inclusivas.

O estudo das características psicológicas da pessoa mística revela tendências comportamentais e traços de personalidade comuns entre aqueles que vivenciam essas experiências. Estudos têm demonstrado que indivíduos com uma predisposição para o misticismo tendem a ser mais abertos à experiência e mostram maior flexibilidade cognitiva e emocional. De acordo com pesquisas empíricas, indivíduos que se identificam com tais experiências frequentemente relatam sentir uma conexão profunda com o todo e exibem mudanças duradouras em seus valores e comportamentos, como maior compaixão, altruísmo e desapego do ego (Paloutzian & Park, 2005).

Esses achados ilustram o impacto profundo que experiências místicas podem ter não apenas na vida religiosa e espiritual de um indivíduo, mas também no desenvolvimento psicológico e comportamental. Dessa forma, a psicologia da pessoa mística revela características comuns, como maior abertura à experiência e flexibilidade emocional. Segundo pesquisas (Paloutzian & Park, 2005), indivíduos com predisposição ao misticismo frequentemente relatam uma sensação de conexão profunda com o todo e exibem transformações em seus valores e comportamentos, manifestando maior compaixão e desapego do ego. Essas transformações são descritas por Paloutzian e Park (2005, p. 345) como “mudanças comportamentais duradouras associadas a sentimentos de transcendência do ego e conexão com o todo”.

MENSURAÇÃO DE MISTICISMO - O INSTRUMENTO *THE FRANCIS-LOUDEN MYSTICAL ORIENTATION SCALE* (MOS): PRESSUPOSTOS E ESTRUTURA FATORIAL



A *Francis-Louden Mystical Orientation Scale* (MOS) é uma importante ferramenta psicométrica desenvolvida para medir a orientação mística das pessoas, com base em uma sólida base teórica que combina contribuições de grandes estudiosos da psicologia da religião e do misticismo. Sua construção está enraizada nas teorias de misticismo propostas por William James e F. C. Happold, dois estudiosos fundamentais cujos trabalhos forneceram a base para a compreensão empírica das experiências místicas. A MOS foi criada pelos psicólogos Leslie J. Francis e Stephen Louden, que buscaram traduzir essas teorias em uma escala confiável e mensurável.

A história da construção da MOS começa com a profunda influência de William James e suas quatro características da experiência mística. Mas, décadas depois, F. C. Happold, em seu livro *Mysticism: A Study and an Anthology* (1970), ampliou o trabalho de James ao propor sete características principais da experiência mística. Além das quatro dimensões de James, Happold introduziu três novas características: consciência da unidade de todas as coisas, sensação de atemporalidade, e descoberta do verdadeiro eu. Essas adições foram fundamentais para expandir a compreensão da experiência mística, trazendo uma visão mais completa do misticismo que inclui uma sensação de unidade cósmica, transcendência do tempo e um encontro com o "eu verdadeiro".

Com base nessas contribuições teóricas, Francis e Louden buscaram criar uma ferramenta que pudesse medir a orientação mística de forma sistemática. Eles desenvolveram a *Francis-Louden Mystical Orientation Scale* como uma maneira de operacionalizar as sete características de Happold. Para cada uma dessas características, eles criaram três itens, resultando em um total de 21 itens que avaliam sete características principais da experiência mística: inefabilidade, noese, transitoriedade, passividade, consciência da unidade de todas as coisas, senso de atemporalidade e o "verdadeiro ego". Os participantes tinham que avaliar a importância de cada experiência para sua fé usando uma escala de 5 pontos (1 = baixa importância, 5 = alta importância). Esses itens foram delineados para capturar a profundidade subjetiva e o caráter indescritível das experiências místicas, permitindo que os indivíduos relatem suas percepções e sensações em termos claros e empíricos (Francis & Louden, 2000).



Por exemplo, a dimensão da inefabilidade, derivada de James, foi capturada por itens que destacam a dificuldade de expressar a experiência mística em palavras, como "experienciar algo que eu não conseguia colocar em palavras"¹⁰. A Noese, outra dimensão de James, que se refere ao caráter revelador das experiências místicas, foi medida por itens como "sentir que estava cercado por uma presença" (James, 1902/1982). As contribuições de Happold também foram integradas de maneira direta, como na medição da sensação de atemporalidade com itens como "estar consciente apenas da atemporalidade e eternidade", e na descoberta do verdadeiro eu com itens como "sentir meu eu cotidiano ser absorvido nas profundezas do ser" (Happold, 1970).

O trabalho de Francis e Loudon não só adaptou essas teorias de forma prática, mas também validou a MOS em diferentes contextos (Francis, Littler & Robbins, 2012; Francis, Robbins & Cargas, 2012; Francis, Ok & Robbins, 2017), mostrando que a escala possui alta consistência interna e pode ser aplicada a diversas populações religiosas e seculares, como em Ross e Francis (2015) que, usando a MOS e a *Francis Psychological Type Scales* (FPTS) com adolescentes, entre 16 a 18 anos da Inglaterra e do País de Gales, confirmaram índices de orientação mística mais altos para aqueles que tinham um tipo psicológico intuitivo, característica da teoria do processo de percepção por Jung (1971). Estudos sobre isso, até aquele momento, só haviam sido realizados com adultos (Ross, 1992).

A estrutura dos sete aspectos incorporados na mensuração da experiência mística foi organizada e descrita a seguir com seus respectivos itens. É importante frisar que as nomenclaturas abaixo são uma tradução livre dos autores deste ensaio dos conteúdos originais que descrevem as vivências:

Inefabilidade: Este fator enfatiza a natureza privada e incomunicável da experiência mística, ou seja, a impossibilidade de relatar adequadamente em palavras o que foi vivenciado. Os itens relacionados são: "Experimentar algo que não se pode colocar em palavras", "Sentir movido por um poder indescritível" e "Estar mais consciente do que poderia descrever".

Noese: Relacionado à percepção de uma verdade que transcende o intelecto discursivo, esse fator descreve estados de conhecimento ou revelação que trazem

¹⁰ Traduções nossas, para este e os demais itens citados no texto.



sentido e importância. Seus itens incluem "Sentir Deus na beleza da natureza", "Saber que estava cercado por uma presença" e "Escutar Deus falar comigo".

Transitoriedade: Refere-se à brevidade das experiências místicas, destacando a possibilidade de repetição, mas com uma duração curta. Os itens são: "Breve vislumbre no coração/cerne das coisas", "Visão transitória daquilo que transcende a realidade" e "Momentos passageiros de revelação divina".

Passividade: Este fator aborda a sensação de ser controlado por um poder superior, além da natureza imerecida da experiência, marcada por significados profundos. Os itens são "Ser tomado por um sentimento de maravilha", "Estar em um estado de mistério fora do meu corpo" e "Ser agarrado por um poder para além do controle próprio".

Consciência da Unidade de Tudo: Descreve a percepção de que a existência é uma unidade. Os itens deste fator incluem "Sentir-se em unidade com o universo", "Sentir-se em unidade com todos os seres vivos" e "Perceber a unidade em todas as coisas".

Senso de Atemporalidade: Enfatiza o caráter atemporal das experiências místicas, que parecem transcender a noção convencional de tempo. Os itens relacionados são "Perder a noção de tempo, lugar e pessoa", "Estar consciente apenas da atemporalidade e eternidade" e "A fusão de passado, presente e futuro".

Verdadeiro Ego: Refere-se à conexão profunda com o eu interior, dirigindo-se à alma ou espírito. Os itens deste fator são "Ser absorvido pelo divino", "Perder meu eu cotidiano em um ser maior" e "Sentir meu eu cotidiano absorvido nas profundezas do ser".

A pesquisa de construção e validação da MOS (Francis & Loudon, 2000) foi realizada com 1.468 padres católicos romanos que responderam, dos 3.581 questionários enviados por correspondência, da Inglaterra e País de Gales. Desses, 2% estavam abaixo dos 30 anos, 13% na faixa etária dos 30 anos, 20% nos 40, 25% nos 50, 26% nos 60, 12% nos 70, e 2% nos 80 anos. Nesse estudo, além dos 21 itens do MOS, responderam a uma bateria de 66 itens relacionados a diferentes aspectos da experiência religiosa, ambos em uma escala de 1 (nada) a 5 (muito) pontos, norteados pela pergunta, em tradução livre, "quão importantes são as seguintes experiências para a sua fé"; e ao *Eysenck Personality Questionnaire* (Eysenck, 1975),



que fornece a avaliação de 3 fatores da personalidade, a saber, Extroversão, Neuroticismo, Psicoticismo e uma quarta escala de Mentira/Desejabilidade social.

Esse estudo pioneiro gerou um coeficiente alfa de confiabilidade da consistência interna do instrumento de 0,94 (Cronbach, 1951). Ao avaliar os itens específicos com o restante do teste, buscando entender como contribuem para a consistência total do teste, se encontrou uma variância entre 0,46 e 0,79, demonstrando que contribui de maneira adequada para a avaliação desejada (Francis & Loudon, 2000).

Posteriormente, Francis-Louden (2004), visando pesquisas em que haja a necessidade de um instrumento mais curto, criaram, com base no instrumento original, a *Short Index of Mystical Orientation* (SIMO), que se trata de um índice mais curto para mensurar a orientação mística. Esse instrumento, derivado do MOS, apresentou bons índices comparado ao instrumento original, tendo como coeficiente de fidedignidade o alfa de 0,86, valor bem aceito para uma escala curta, em que o critério mínimo seria 0,70 (Kline, 1993). Ela é composta por apenas 09 itens, sendo eles, em uma tradução livre: “vivenciando algo que não consigo expressar em palavras”¹¹, “sentindo Deus na beleza da natureza”, “sabendo que estava cercado por uma presença”, “sentindo-se em união com o universo”, “estar em um estado de mistério fora do meu corpo”, “sentindo-me movido por um poder indescritível”, “sendo dominado por uma sensação de admiração”, “Perder a noção de tempo, lugar e pessoa” e “ouvindo Deus falar comigo”. Os coeficientes de correção de cada um dos itens para a consistência geral do teste, variou de 0,40 a 0,66, além da validade concorrente em relação ao MOS ser +0,97.

Com esse sucesso de validação, a escala de Francis-Louden, tanto a completa quanto a reduzida, consegue se inserir em variados contextos e estudar diferentes populações.

ESTUDOS EMPÍRICOS COM THE FRANCIS-LOUDEN MYSTICAL ORIENTATION SCALE (MOS): PRINCIPAIS ACHADOS PSICOMÉTRICOS E ASPECTOS PSICOLÓGICOS ASSOCIADOS À ORIENTAÇÃO MÍSTICA

¹¹ Traduções nossas, para este e os demais itens da SIMO citados no texto.



No estudo de Giordan, Francis e Crea (2018), intitulado *"The persistence of spiritual experience among churchgoing and non-churchgoing Italians: sociological and psychological perspectives"*, a MOS foi adaptada para o contexto italiano e aplicada a 1.155 participantes. Os resultados revelaram que, mesmo com a diminuição das práticas religiosas tradicionais, muitos italianos, praticantes e não praticantes, mantêm uma abertura significativa a experiências místicas, sugerindo uma espiritualidade mais pessoal e menos institucionalizada. A consistência interna da escala, com coeficiente alfa de 0,89, e a correlação entre a pontuação na MOS e fatores como sexo e frequência à igreja ou à oração pessoal, reforçam a validade do instrumento ao captar dimensões místicas entre indivíduos de diferentes perfis. Isso indica uma flexibilidade entre espiritualidade e religiosidade na Itália, onde práticas religiosas convencionais não são exclusivas para uma vivência espiritual profunda.

Já no contexto australiano, o estudo *"Religious experience and religious motivation among Catholic and mainstream Protestant churchgoers in Australia"* (Francis, Village & Powell, 2016) utilizou uma versão abreviada da MOS para medir a orientação mística entre católicos e protestantes. Esse estudo contou com sete itens representativos dos principais componentes místicos, como inefabilidade, noese e transcendência, permitindo que os participantes avaliassem a importância de cada experiência para sua fé. A confiabilidade psicométrica da escala foi mantida, com coeficiente alfa de 0,92, e os resultados indicaram que católicos e protestantes diferem levemente nas pontuações da MOS, sendo que os católicos apresentam uma orientação mística ligeiramente maior (média de 20,3) em comparação aos protestantes (média de 19,2), diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$). Isso sugere que a tradição religiosa pode influenciar a vivência mística, mas que tais experiências são amplamente valorizadas por ambos os grupos.

De forma semelhante, o estudo de Francis *et al.* (2007) com participantes de retiros na Abadia de Ampleforth, Inglaterra, que registrou um coeficiente alfa de 0,94, reforça a funcionalidade e a consistência interna da MOS. Novamente, a correlação entre orientação mística e percepção intuitiva dos participantes destaca a intuição como facilitadora para experiências místicas, sustentando a MOS como um instrumento específico e confiável para medir essas orientações. Esses estudos demonstram que a MOS é capaz de capturar a complexidade da orientação mística



em diferentes contextos culturais e religiosos, validando-a como uma ferramenta versátil que revela nuances da espiritualidade humana contemporânea

O estudo de Francis, Village e Powell (2016) teve o objetivo de verificar a experiência religiosa e a motivação religiosa entre católicos e protestantes tradicionais frequentadores de igrejas na Austrália. A orientação mística foi avaliada pela forma abreviada de sete itens da MOS. Na abreviação da medida selecionou-se um item representativo de cada um dos sete componentes do misticismo que compunham o instrumento: inefabilidade, noese, transitoriedade, passividade, unidade, atemporalidade e verdadeiro ego. Os autores se basearam em dois conjuntos de teorias desenvolvidas dentro da psicologia da religião (relativo à experiência religiosa e à motivação religiosa) para testar três medidas de seis itens de orientação religiosa (intrínseca, extrínseca e de busca) e desenvolver duas medidas de sete itens da experiência religiosa (mística e carismática) entre católicos (N = 626) e tradicionais frequentadores de igrejas protestantes (N = 505). Os dados demonstraram níveis satisfatórios de confiabilidade da consistência interna para todas as cinco escalas. As pontuações médias das escalas demonstraram níveis mais elevados de religiosidade intrínseca entre protestantes tradicionais e níveis mais elevados de religiosidade extrínseca entre os católicos; pouca variação entre os dois grupos em termos de orientação religiosa de busca, orientação mística, ou orientação carismática.

Em outro estudo, Francis, Littler e Robbins (2012) investigaram a relação entre a orientação mística e o processo de percepção conforme descrito na teoria dos tipos psicológicos de Carl Jung. Baseando-se em pesquisas anteriores e em uma replicação cuidadosa, o estudo buscou validar empiricamente a tese de Ross, que sugere que diferenças individuais no misticismo estão associadas às preferências perceptivas de sensação ou intuição. O estudo foi realizado com 232 clérigos anglicanos do sexo masculino que atuavam como párocos em tempo integral na Igreja no País de Gales. A distribuição de idade dos participantes foi diversificada, abrangendo diferentes fases da vida adulta: 22 participantes tinham menos de 40 anos, 43 estavam na faixa dos 40 anos, 109 nos 50 anos, 56 nos 60 anos e 2 nos 70 anos.

Foram utilizados duas escalas: (1) **Francis-Louden Mystical Orientation Scale (MOS)**, uma escala que mede sete características principais do misticismo:



inefabilidade (a experiência que não pode ser descrita em palavras), noese (insights profundos de verdade), transitoriedade (caráter temporário das experiências místicas), passividade (sentir-se controlado por uma força superior), consciência da unidade de todas as coisas (sentido de que tudo está conectado), senso de atemporalidade (percepção de que o tempo não existe) e o "verdadeiro ego" (uma conexão com o eu mais profundo e autêntico); (2) **Francis Psychological Type Scales (FPTS)**, um instrumento com 40 itens de escolha forçada que avalia quatro dimensões principais dos tipos psicológicos: orientação (introversão ou extroversão), processo de percepção (sensação ou intuição), processo de julgamento (pensamento ou sentimento) e atitude em relação ao mundo externo (julgamento ou percepção).

Os questionários foram enviados para os 593 párocos anglicanos em tempo integral atuando no País de Gales, resultando em 391 respostas (taxa de resposta de 66%). No entanto, para a análise, apenas os dados dos 232 participantes que completaram todos os instrumentos foram utilizados, garantindo a integridade estatística do estudo.

Os resultados apontaram que os clérigos com uma preferência pelo tipo intuitivo apresentaram pontuações significativamente mais altas na orientação mística em comparação com aqueles do tipo sensação. Além disso, esses resultados reforçam a hipótese central de Ross, destacando que o processo perceptivo (sensação e intuição) desempenha um papel crucial na modulação da experiência religiosa e na expressão de crenças místicas. Esses achados adicionam robustez teórica ao campo, vinculando a espiritualidade às diferenças de personalidade baseadas no modelo de Jung.

O estudo de Francis, Littler e Robbins (2012) trouxe contribuições importantes para a psicologia empírica da religião, com base na teoria dos tipos psicológicos de Carl Jung e na aplicação da Escala de Orientação Mística (MOS). Uma das principais conclusões foi a validação da MOS como um instrumento altamente confiável, com consistência interna robusta e resultados estáveis em diferentes contextos de pesquisa. Tais características indicam que a MOS é particularmente adequada para mensurar constructos complexos como o misticismo em uma variedade de populações, oferecendo insights teóricos e práticos. Além disso, o estudo reforçou a relevância da teoria dos tipos psicológicos de Jung, demonstrando que essa estrutura



teórica é útil, perspicaz e empiricamente testável para compreender as diferenças individuais na experiência religiosa, na expressão da espiritualidade e nas crenças religiosas. Os resultados não apenas validaram a tese de Ross, mas também demonstraram como o tipo intuitivo está mais associado à propensão para experiências místicas, enquanto o tipo sensação mostrou menor afinidade com esses fenômenos.

Essas descobertas sugerem que a integração entre psicologia da personalidade e estudos religiosos pode ampliar significativamente a compreensão das dinâmicas espirituais humanas, proporcionando um arcabouço metodológico para análises mais profundas e amplas. Dessa forma, o estudo contribuiu significativamente para expandir o conhecimento das diferenças individuais no campo da espiritualidade e da religião, ao mesmo tempo que valida instrumentos confiáveis para futuras investigações. Ele demonstrou como fatores psicológicos moldam a espiritualidade e a religiosidade, reforçando a aplicabilidade da psicologia empírica no estudo das dinâmicas religiosas e espirituais. Além disso, os resultados lançam luz sobre o impacto das diferenças de percepção na formação de crenças e práticas religiosas, sugerindo caminhos futuros para pesquisas interdisciplinares que integrem a psicologia, a teologia e a antropologia.

Dois perguntas sobre o nível e natureza da experiência mística são investigadas por Francis e colaboradores em dois estudos (Francis & Robbins, 2014, Francis *et al.*, 2015). A primeira questão diz respeito à medida em que a experiência mística é reconhecida e relatada por jovens que crescem sem compromisso com uma tradição religiosa estabelecida em comparação com, digamos, jovens cristãos e jovens muçulmanos. A segunda questão diz respeito a até que ponto a experiência mística pode estar associada à psicopatologia entre os diferentes grupos de jovens: os que crescem como cristãos, os que crescem como muçulmanos e aqueles que crescem como religiosamente não afiliados.

No primeiro estudo, Francis e Robbins (2014) obteve três amostras de adolescentes de 14 a 18 anos: 203 muçulmanos, 477 cristãos e 378 jovens sem filiação religiosa na Inglaterra e no País de Gales, que responderam escalas: *Eysenck Personality Questionnaire Revised* (EPQR-A: Francis, Brown & Philipchalk, 1992) de psicoticismo e neuroticismo dentro do modelo dimensional de personalidade de



Eysenck. A experiência mística foi avaliada pela Escala breve de três itens proposta por Francis definindo os seguintes fenômenos: sentir unidade comigo mesmo e com todas as coisas; sentir tudo no mundo sendo parte do mesmo todo; e sentindo meu próprio eu me fundindo em algo maior. A escala obteve um alfa de 0,61. Os dados mostraram um nível mais baixo de experiência mística entre os jovens sem afiliação religiosa, embora tais experiências tenham sido relatadas por entre um quarto e um terço desse grupo. Não encontraram associação entre a experiência mística relatada e a psicopatologia entre os cristãos, os muçulmanos ou sem afiliação religiosa.

Para expandir o contexto cultural, Francis e colaboradores (2015) realizaram estudo em contexto da Alemanha. Assim este estudo também foi desenhado para empregar a breve medida de experiência mística de Francis ao lado do Modelo dimensional eysenckiano de personalidade para testar as duas hipóteses relatadas anteriormente. Participaram do estudo estudantes entre 15 e 19 anos, sendo 578 cristãos, 311 muçulmanos e 248 não afiliados religiosos. No estudo a escala breve de experiência mística na versão em alemão obteve um índice de consistência interna mais baixo, alfa de 0,49. Os resultados mostram níveis de experiência mística apenas ligeiramente mais baixo entre os jovens sem filiação religiosa e não encontrou evidências de conectar experiência mística com psicopatologia entre qualquer um dos três grupos. Esse achado é consistente com o estudo anterior e também corrobora a literatura mais ampla do tema.

A MOS foi também adaptada para população turca (Francis, Ok, Robbins, 2017). Na avaliação desta adaptação, encontraram índice de confiabilidade bom, semelhante ao encontrado na escala original, consistência interna de alfa de Cronbach de 0,88. Também relataram que apenas um item teve correlação com a soma dos outros itens inferiores a 0,3 (item: experiência algo que não consegui colocar em palavras). Apresentaram os dados da discriminação dos 21 itens da escala, que foram bons e variando de 16% endosso (item: ter visões transitórias do transcendental) a 72% (item: sentir o significado na beleza da natureza). Pode-se concluir que a versão da MOS turca apresenta boas propriedades psicométricas, reforçando o importante papel da escala na pesquisa transcultural e no entendimento do construto.



No estudo em exame, Francis, Ok e Robbins (2017), avaliaram a associação entre a experiência mística (MOS) e saúde psicológica, pelo modelo tridimensional de personalidade eysenckiano, entre 329 universitários turcos. Eles realizaram o estudo seguindo uma série de oito estudos que investigou o misticismo mensurado por outras escalas e o Questionário de Personalidade Eysenck. Os autores citam Caird (1987) que se propôs testar duas hipóteses opostas, uma de que as experiências místicas são essencialmente introvertidas, com pacientes neuróticos e psicóticos especialmente tentados a buscar alívio nessa experiência. Por outro lado, identificando experiências místicas com experiências de pico, mais características da saúde do que de neuroses ou psicoses. No entanto, as investigações empíricas não apoiaram nenhuma dessas hipóteses. Os resultados do estudo de Francis, Ok e Robbins (2017) corroboram em parte com os estudos anteriores, pois não encontraram nenhuma associação entre orientação mística e escores de psicoticismo, e uma associação positiva pequena, entre escores de orientação mística e neuroticismo, após o controle para sexo. Esse achado sugere que pode haver uma pequena associação inversa entre experiência mística e saúde psicológica entre estudantes na Turquia.

Muitos estudos de correlatos e preditores de religiosidade focam na conexão com o bem-estar subjetivo. Um desses estudos, Yüksel (2020) avaliou o significado e propósito da vida e outros construtos comparando-os entre os Sufis e não-Sufis, em um estudo correlacional. 264 pessoas (131 são sufis e 133 não são sufis) com idades entre 18 e 65 anos, toda a Turquia responderam: Escala de Atitude Religiosa, Escala de Tensão na Crença, para medir atitudes religiosas e contradições, Forma Abreviada de Propósito de Significado e Escala de Propósito de Vida, para medir os níveis de propósito e significado de vida. Para medir felicidade e otimismo, a Escala de Felicidade e Escala de Pessimismo e a MOS (Francis, Ok e Robbins, 2017). Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos níveis de significado, religiosidade, saúde mental (felicidade e otimismo) e experiência mística de sufis e não-sufis. Mostrando que o nível de significado-propósito, religiosidade, felicidade, otimismo e experiência mística dos Sufis é significativamente maior do que os não-Sufis.



Užarević (2022) objetivou prever a religiosidade e seus componentes (crenças religiosas, religiosidade ritual e as consequências da religiosidade no comportamento social) com base na experiência mística, atitudes em relação à ciência, imaginação, empatia e envolvimento na justiça social. 149 universitários (79 mulheres) com idade média de 22,46 anos ($DP = 2,34$), responderam a um questionário online que continha: MOS (Francis & Loudon 2000) adaptada para o contexto croata e obteve um alfa de Cronbach de 0,94), Instrumento para pesquisar atitudes sobre a ciência, Escala de empatia emocional e Escala de imaginação, subescala Autoeficácia para a justiça social, Questionário de religiosidade e questões socioeconômicas e características demográficas.

Užarević (2022) encontrou uma correlação positiva significativa entre a experiência mística, a religiosidade geral e todos os seus componentes. Também encontrou uma correlação negativa significativa entre as atitudes em relação à ciência e todas as variáveis de religiosidade. A imaginação e o envolvimento na justiça social revelaram-se correlatos insignificantes da religiosidade e dos seus componentes, enquanto a empatia está significativamente associada positivamente à religiosidade total, às crenças religiosas e à religiosidade ritual, e de forma insignificante às consequências que a religiosidade tem no comportamento social. Com base no conjunto de variáveis preditoras (experiência mística, atitudes face à ciência, empatia e envolvimento na justiça social), é possível explicar 56% da variância da religiosidade total, 59% da variância das crenças religiosas, 48% da variância da religiosidade ritual e 41% da variância das consequências da religiosidade no comportamento social.

Por fim, um exame transversal do conjunto dos achados das pesquisas relatadas constrói uma percepção muito favorável ao uso do instrumento em tela, a MOS tem obtido na totalidade dos estudos em distintos contextos bom desempenho psicométrico, e flexibilidade de utilização em triangulações a distintos construtos e problemas de pesquisa, emergindo sistematicamente um corpus de achados que por um lado, alarga a confiança na excelência psicométrica do instrumento, e por outro precipita uma visão nascente de estar a experiência mística associada sistematicamente a arranjos funcionais e adaptativos da personalidade, e a dimensões de saúde e bem-estar da subjetividade individual.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve um desenho teórico e de uma breve revisão da literatura com a investigação psicológica da experiência mística, elucidando sua definição e os aspectos históricos que perpassam essa temática, passando, assim, pela teorização de diversas abordagens psicológicas. Após isso, buscou-se apresentar e explicar a *Mystical Orientation Scale* (MOS) criada por Leslie J. Francis e Stephen Loudon, objeto de estudo do presente trabalho, destrinchando seus pressupostos e organização psicométrica, como também expondo um panorama atual do estudo empírico deste instrumento com o intuito de apresentar o construto dentro de suas possibilidades de investigação.

A experiência mística tem sido de interesse da psicologia da religião desde as primeiras investigações de Williams James (1902/1982). As contribuições para o estudo da experiência mística foram promovidas por investigações teóricas juntamente com a evolução de dados qualitativos e a geração de dados quantitativos. Neste cenário a *Mystical Orientation Scale* (MOS) tem um papel fundamental na geração de novos dados, em distintos contextos socioculturais e religiosos, e desenvolvimento da área.

A primeira conclusão diz respeito à adequação e funcionalidade da MOS (Francis & Loudon 2000). Esta tem sido amplamente utilizada para investigar a experiência mística em diversos contextos culturais e demonstra consistência entre diferentes países, para além da cultura na qual a MOS foi elaborada, a saber, Inglaterra e País de Gales, como em amostras da população australiana, italiana, alemã, turca e croata. É notória também a adequação a diferentes públicos a quem se destina a escala, quanto à faixa etária, desde adolescentes a idosos, clérigos (anglicanos e cristãos) e leigos, pessoas filiadas à religião (cristãos, anglicanos, muçulmanos e sufis) e sem filiação religiosa. A diversidade das amostras das pesquisas com a MOS é uma evidência da validade, que diz respeito à definição e medição da experiência mística como medido pela mesma e sendo apropriado para pesquisa comparativa entre diversas populações.

Sobre as propriedades psicométricas da MOS, Francis e colaboradores tiveram o zelo de testar e apresentar alguns índices que apontam a adequação da escala para



as diferentes amostras utilizadas. A MOS foi apresentada e utilizada em três versões, a original, com a estrutura constituída de sete dimensões fenomenológicas e 21 itens, que no primeiro estudo de validação obteve um coeficiente de consistência interna meritório (alfa de 0,94), seguindo esse valor com pouca variação nos outros estudos. O *Short Index of Mystical Orientation* (SIMO), que se trata de uma escala reduzida da MOS com nove itens. Esta versão também apresentou um bom coeficiente de consistência interna (alfa de 0,86). Francis também utilizou a medida de experiência mística em uma escala breve de três itens, que obteve índices menos robustos de consistência interna, com alfa's de 0,61 e 0,49. Como o alfa de Cronbach trata da coesão dos itens, portanto dependente do número de itens, a versão com 21 itens se apresenta mais robusta, enquanto a versão com três obteve índices menos consistentes. Baseando-se neste critério somente, não recomendamos a versão breve de três itens. Já o uso da escala original (MOS) e da versão reduzida de 9 itens (SIMO) é altamente recomendado em futuras pesquisas.

No entanto, como exposto, sua disseminação e adaptabilidade ainda é restrita predominante a países europeus e de língua inglesa, não existindo estudos encontrados, como por exemplo, em países da América Latina. Não se encontrou referência a estudo de validação da MOS para falantes de língua portuguesa do Brasil. Portanto, é necessário em estudos futuros, disponibilizar a MOS para contextos e culturas ainda não exploradas, a fim de validar sua aplicabilidade transcultural em regiões distintas. Como também, se faz preciso análises psicométricas a partir da sua adaptabilidade a diferentes idiomas e populações, com a intenção de verificar sua consistência e real efetividade, tal como a escala original. Não deixando de trabalhar com diferentes dimensões, como bem-estar, saúde mental e religiosidade, e aspectos da cognição humana como autoconsciência, estilos cognitivos, experiências anômalas e cognição anômala, etc., para observar o impacto das experiências místicas e a associação nesses diferentes parâmetros da vida humana. Assim, o desenvolvimento de novas versões da MOS, que capturem a experiência mística em populações não ocidentais ou em contextos contemporâneos, podem contribuir significativamente para o avanço da psicologia da religião e misticismo.



Referências

- Andersen, K.A.A., Holmøy, B., & Stewart, L. H. (2024). Assessment of psychedelic–induced states: Norwegian translation and adaptation of the revised Mystical Experience Questionnaire (MEQ-30). *Journal of Psychedelic Studies.*, 1-6. DOI <https://doi.org/10.1556/2054.2024.00346>
- Barros, M., & Schultz, L. (2023). The Transformative Potential of Religious, Spiritual, and Mystical Experiences. *Social Science and Humanities Journal (SSHJ)*, 7(2), 3035-3043.
- Caird, D. (1987). Religiosity and personality: Are mystics introverted, neurotic or psychotic? *British Journal of Social Psychology*, 26, 345–346.
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16, 297-334.
- Davis, E. B., Lacey, E. K., Heydt, E. J., Labouff, J. P., Barker, S. B., Van Elk, M., & Ladd, K. L. (2024). Sixty years of studying the sacred: Auditing and advancing the psychology of religion and spirituality. *Psychology of Religion and Spirituality*, 16(1), 7-19.
- Emmons, R. A., & Paloutzian, R. F. (2003). The psychology of religion. *Annual review of psychology*, 54(1), 377-402.
- Esmaeili, A., Poormohammadi, N., & Sayyid-Mazhari, M. (2023). Explanation of religious experience in cognitive neuroscience; Analysis of models, approaches and challenges. *Jostarha-ye Falsafe-ye Din*, 11(2), 233-262.
- Eysenck, H. J., & Eysenck, S. B. G. (1975). *Manual of the Eysenck Personality Questionnaire (adult and junior)*. London: Hodder and Stoughton.
- Francis, L. J. (2005). *Faith and psychology: Personality, religion and the individual*. Darton, Longman and Todd.
- Francis, L. J. (2013). Mystical orientation, mystical experience, and mysticism: psychological perspectives. *Studies in Chinese Religions*, 3, 67-99.
- Francis, L. J., & Loudon, S. H. (2000). The Francis-Louden Mystical Orientation Scale (MOS): A study among Roman Catholic priests. *Research in the Social Scientific Study of Religion*, 11, 99–116.
- Francis, L. J., & Loudon, S. H. (2000a). The Francis-Louden Mystical Orientation Scale (MOS): A study among Roman Catholic priests. *Research in the Social Scientific Study of Religion*, 11, 99-116.
- Francis, L. J., & Loudon, S. H. (2004). A short index of mystical orientation (SIMO): A study among Roman Catholic priests. *Pastoral Psychology*, 53, 49-51.



- Francis, L. J., Brown, L. B., & Philipchalk, R. (1992). The development of an abbreviated form of the Revised Eysenck Personality Questionnaire (EPQR-A): its use among students in England, Canada, the USA and Australia. *Personality and Individual Differences*, 13, 443–449.
- Francis, L. J., Littler, K., & Robbins, M. (2012). Mystical orientation and the perceiving process: a study among Anglican clergymen. *Mental Health, Religion & Culture*, 15(9), 945–953. <https://doi.org/10.1080/13674676.2012.676257>
- Francis, L. J., Ok, U., & Robbins, M. (2017). Mystical orientation and psychological health: a study among university students in Turkey. *Mental Health, Religion & Culture*, 20(4), 405–412. <https://doi.org/10.1080/13674676.2017.1328403>
- Francis, L. J., Robbins, M., & Cargas, S. (2012). The perceiving process and mystical orientation: An empirical study in psychological type theory among participants at the Parliament of the World's Religions. *Studies in Spirituality*, 22, 341–352. <https://doi.org/10.2143/SIS.22.0.2182858>
- Francis, L. J., Village, A., & Powell, R. (2016). Religious experience and religious motivation among Catholic and mainstream Protestant churchgoers in Australia: Testing and applying five short measures. *Mental Health, Religion & Culture*, 19(8), 932–942. <https://doi.org/10.1080/13674676.2016.1216532>
- Francis, L. J., Village, A., Robbins, M., & Ineson, K. (2007). Mystical orientation and psychological type: An empirical study among guests staying at a Benedictine Abbey. *Studies in Spirituality*, 17, 207–223. <https://doi.org/10.2143/SIS.17.0.2024649>
- Francis, L.J., & Robbins, M. (2014). Religious Identity, Mystical Experience, and Psychopathology: A Study among Secular, Christian, and Muslim Youth in England and Wales. *Research in the Social Scientific Study of Religion*, 25, 1-16. https://doi.org/10.1163/9789004272385_002
- Francis, L.J., Ziebertz, H.G., Robbins, M. & Reindl, M. (2015). Mystical Experience and Psychopathology: A Study Among Secular, Christian, and Muslim Youth in Germany. *Pastoral Psychol*, 64, 369–379. <https://doi.org/10.1007/s11089-014-0600-x>
- Giordan, G., Francis, L. J. and Crea, G. (2018). The persistence of spiritual experience among churchgoing and non-churchgoing Italians: Sociological and psychological perspectives. *Journal of Contemporary Religion*, 33 (3), 447-465. <https://doi.org/10.1080/13537903.2018.1535371> ISSN 1353-7903.
- Happold, F. C. (1970). *Mysticism: A study and an anthology*. Baltimore: Penguin Books.



- Hood Jr, R. W. (2008). Theoretical fruits from the empirical study of mysticism: A Jamesian perspective. *Journal für Psychologie*, 16(3), 1-28.
- Hood, R. W. (1975). The construction and preliminary validation of a measure of reported mystical experience. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 14, 29-41.
- Hood, R. W., Jr. (1997). The empirical study of mysticism. Retrospective and prospective. In J. A. Belun, & O. Wikström (Eds.), *Taking a Step Back. Assessments of the Psychology of Religion*. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis.
- Hood, R. W., Jr. (2005). Mystical, spiritual, and religious experiences. In R. F. Paloutzian, & C. L. Park (Eds.), *Handbook of the psychology of religion and spirituality* (2a. ed. Cap. 19, pp 348-364). New York, NY: The Guilford Press.
- Hood, R. W., Jr. (ed) (1995). *Handbook of religious experience*. Birmingham: Religious Education Press.
- Hood, R. W., Jr., & Francis, L. J. (2013). Mystical experience: Conceptualizations, measurement, and correlates. In K. I. Pargament, J. J. Exline, & J. W. Jones (Eds.), *APA handbook of psychology, religion, and spirituality (Vol. 1): Context, theory, and research* (pp. 391–405). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/14045-021>
- Hood, R. W., Jr., Ghorbani, N., Watson, P. J., Ghramalleki, A. F., Bing, M. B., Davison, H. R., Morris, P. J., & Williamson, P. W. (2001). *Dimensions of the mysticism scale: confirming the three factor structure in the U.S. and Iran*. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 40, 691–705.
- Hood, R. W., Jr., Hill, P. C., & Spilka, B. (2018). *The psychology of religion: an empirical approach*. New York, NY: Guilford Publications.
- James, W. (1902/1982). *The varieties of religious experience: a study in human nature*. Harmondsworth: Penguin
- Jung, C. G. (1971). *Psychological types: The collected works* (Volume 6). London: Routledge and Kegan Paul.
- Kline, P. (1993). *The Handbook of Psychological Testing*. London: Routledge.
- Louceiro, L. M. (2007). As variedades da experiência religiosa de William James revisitadas. *Cognitio-Estudos Revista Eletrônica de Filosofia*, 4(2), 103-120.
- Nascimento, A. M. (2008). *Autoconsciência situacional, imagens mentais, religiosidade e estados incomuns da consciência: um estudo sociocognitivo* (Tese de doutorado, Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil).



- Nascimento, A. M., Melo, E. S., Ferraz, L. S., & Roazzi, A. (2023). Experiência mística em universitários: Estudo na perspectiva de William James. *Revista AMAZônica*, 16(1), 671-708. Retrieved from: <https://bit.ly/41pQ0UL>
- Paloutzian, R. F., & Park, C. L. (Eds.). (2005). *Handbook of the psychology of religion and spirituality*. New York, NY: The Guilford Press.
- Picard, F. (2023). Ecstatic or mystical experience through epilepsy. *Journal of Cognitive Neuroscience*, 35(9), 1372-1381.
- Ross, C. F. J. (1992). *The intuitive function and religious orientation*. *Journal of Analytical Psychology*, 37, 83-103.
- Ross, C. F. J., & Francis, L. J. (2015). The perceiving process and mystical orientation: A study in psychological type theory among 16- to 18-year-old students. *Mental Health, Religion & Culture*, 18(8), 693–702.
- Schmautz, B., Fuchshuber, J., Andres, D., Prandstätter, T., Roithmeier, L., Freund, A., ... & Unterrainer, H. F. (2024). Is there an affective neuroscience of spirituality? The development and validation of the OCEANic feelings scale. *Frontiers in Human Neuroscience*, 18, 1329226. <https://doi.org/10.3389/fnhum.2024.1329226>
- Skolits, W. (2024). Recent empirical work on religious experience: New directions. *Philosophy Compass*, 19(5), e12977.
- Stace, W. (1960). *Mysticism and philosophy*. Philadelphia: Lippincott.
- Thalbourne, M. A., & Delin, P. S. (1999). Transliminality: its relation to dream life, religiosity, and mystical experience. *The international Journal for the Psychology of Religion*, 9, 35–53.
- Trivedi, H. P. (2024). A Comparative Model of Mysticism: Cognitive Neuroscience, Phenomenal Experiences, and Noetic Accounts. *Archive for the Psychology of Religion*. <https://doi.org/00846724241265870>.
- Underhill, E. (1911). *Mysticism: A study in the nature and development of spiritual consciousness*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library.
- Užarević, P. (2022). *Uloga mističnog iskustva, stavova prema znanosti, mašte, empatije i uključenosti u društvenu pravdu u predviđanju religioznosti*. (Trad: O papel da experiência mística, das atitudes em relação à ciência, da imaginação, da empatia e do envolvimento na justiça social na previsão da religiosidade). Doctoral dissertation, University of Zagreb. Faculty of Croatian Studies. Department of Psychology). Disponível: <https://repositorij.unizg.hr/islandora/object/hrstud:2882/datastream/PDF/view>
- Weil, P. (1989). *As fronteiras da evolução e da morte*. Petrópolis: editora Vozes.
- Wilber, K. (1998). *The essential Ken Wilber*. Boston & London: Shambhala.



Yüksel, İ. (2020). *Sûfilerde hayatın anlamı: Sûfî olmayanlarla karşılaştırmalı bir araştırma* (Trad: O sentido da vida entre os sufis: um estudo comparativo com os não-sufis). Master's thesis, Lisansüstü Eğitim Enstitüsü.

Recebido: 12.12.2024

Aprovado: 20.12.2024

Publicado: 01.01.2025

Autores:

Alexsandro Medeiros do Nascimento

Doutor, Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Coordenador do Laboratório de Estudos de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS).

E-mail: alexsandro.mnascimento@ufpe.br

<http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

Antonio Roazzi

Ph.D., Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: roazzi@gmail.com.

<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

Umbelina do Rego Leite

Doutora, Docente do Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: umbelina.leite@ufpe.br

<https://orcid.org/0000-0003-3223-7013>

Maria Eduarda Souza Belmino Lins

Especialista em Psicologia – Centro Universitário Frassinetti do Recife (UniFAFIRE)

E-mail: psieduardalins@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-6833-0182>

Andrey Lucas Rodrigues da Silva

Discente do Curso de Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: andreyrsilva@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2940-5242>

Wogley Fabian Moura Lira Maia

Discente do Curso de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: wogleymoura@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-4854-6725>

Isacar dos Santos Rodrigues

Psicólogo clínico.



E-mail: isacar.psi.rodrigues@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5653-0372>

Diogo Alves da Motta e Silva

Discente do Curso de Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: diogo.alvesmotta@ufpe.br
<https://orcid.org/0009-0006-2011-3987>

Antonio Carlos dos Santos

Psicólogo clínico.

E-mail: tonytakev@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0009-7126-7195>